

Jornalismo Gonzo Incubado no Brasil: Hunter S Thompson Experimentando o Estilo como Correspondente Internacional nos anos 1960¹

Eduardo RITTER²

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Em junho de 1970, o jornalista norte-americano Hunter S Thompson publica uma reportagem nada convencional sobre um evento de turfe na cidade de Louisville que inauguraria o estilo que ficou conhecido como Jornalismo Gonzo. Poucos anos depois, veio a consagração literária de Thompson e do estilo com a obra *Medo e Delírio* em Las Vegas. No entanto, antes de ser chamado de Gonzo, o jornalista já trabalhava o seu estilo pessoal atuando como correspondente internacional na América Latina pelo jornal *National Observer*. Assim, o artigo observa algumas das características dos textos publicados nesse periódico que antecederam o surgimento do jornalismo gonzo, com ênfase na passagem do então novato repórter pelo Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo gonzo; história do jornalismo; correspondente internacional; reportagem.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em 1970 a revista *Scanlan's Monthly* publicou a reportagem “O Kentucky Derby é decadente e depravado”, do jornalista norte-americano Hunter Stockton Thompson (1937-2005). Mesmo surgindo em meio ao período em que se praticava o estilo conhecido como *New Journalism*³, consagrado por autores como Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote, alguns jornalistas e críticos literários consideraram a reportagem de Thompson diferente de tudo o que eles haviam visto publicado no jornalismo americano até então. Foi justamente pelo tom completamente pessoal e irreverente, que o jornalista e crítico Bill Cardoso, do Boston Globe, chamou pela primeira vez o texto de Thompson de “gonzo”, conforme é retomado posteriormente.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Professor adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação (Decom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen. Doutor pela PUCRS. E-mail: rittergaucho@hotmail.com

³ Conforme Villas Boas (2008) o *New Journalism* foi uma fase histórica de renovação do Jornalismo Literário nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, caracterizada pela introdução de novas técnicas narrativas, grande exposição pública e popularidade. Bulhões (2007), por sua vez, esclarece que o *New Journalism* não foi um movimento, pois não contava com uma sede ou com um grupo de autores que se reunia para discutir jornalismo ou literatura, mas sim um estilo que foi praticado nos Estados Unidos em diferentes jornais e revistas de diferentes cidades no período mencionado.

Sendo considerado um estilo relevante na história do jornalismo, a prática criada por Hunter Thompson acabou ultrapassando as fronteiras americanas, sendo estudada e servindo de inspiração para jornalistas e estudantes do mundo inteiro, inclusive do Brasil. Domingues (2017), após entrevistar estudantes, profissionais e pesquisadores da área, perguntando se os entrevistados se identificavam com a narrativa do Jornalismo Gonzo, obteve os seguintes resultados: sim (41,9%), não (11,8%), às vezes (44,1%), nunca (2,2%). O fato de quase a metade dos entrevistados se identificar com a narrativa Gonzo demonstra que, no mínimo, mesmo sendo um caso americano, a participação de Thompson na história do jornalismo ocidental é significativa, o que justifica a realização deste artigo. Aliás, o objetivo desta pesquisa é justamente recuperar a passagem de Thompson pela América do Sul nos seus primeiros anos de carreira e identificar quais as características da reportagem de Thompson como correspondente internacional do jornal *National Observer* que foram aperfeiçoadas pelo autor anos mais tarde, quando surge o Jornalismo Gonzo. Para tanto, busco responder a seguinte questão: como foi a passagem de Hunter Thompson pela América Latina, especialmente pelo Brasil, e que características do Jornalismo Gonzo estão presentes nestes textos?

Para responder a tal questão, o artigo foi dividido em duas partes principais. Inicialmente é feita breve recuperação histórica do que foi o Jornalismo Gonzo, apresentando suas características. Posteriormente é feita a recuperação histórica da passagem de Thompson pela América Latina como correspondente internacional e a apresentação e breve análise das características do jornalismo gonzo que podem ser identificadas nesses textos.

Metodologicamente, opto por técnicas e métodos abertos, destacados principalmente por Machado da Silva (2011) e Feyerabend (2003). Com uma metodologia aberta, espera-se que o objeto de estudo venha a falar por si em toda a sua complexidade. Não se busca, portanto, nenhum tipo de submissão a algum método fechado, pois “quando o pesquisador se submete à metodologia, perde o caminho do descobrimento” (MACHADO DA SILVA, 2011, p. 20). Feyerabend (2003), por sua vez, ressalta que nenhum processo metodológico deve ser ignorado durante a realização da pesquisa, salientando que a definição prévia de uma metodologia fechada pode privar o estudo de chegar a pontos importantes sobre o tema abordado.

JORNALISMO GONZO: SURGIMENTO E CARACTERÍSTICAS

A matéria que deu origem ao jornalismo gonzo foi publicada pela *Scanlan's Monthly* n° 4, do mês de junho de 1970. Nela, Thompson fez uma cobertura atípica sobre o *Kentucky Derby*, que é uma competição de turfe disputada anualmente em Churchill Downs Racecourse, em Louisville, cidade natal do jornalista. Durante a cobertura, ele e Ralph Steadman, ilustrador britânico contratado pela revista, apresentaram uma caricatura do público que prestigiava o evento, sem fazer nenhuma menção à corrida de cavalos propriamente dita. É como se os verdadeiros animais daquele espetáculo estivessem do lado de fora da pista de corrida. No texto, Thompson conta, em uma narrativa autobiográfica, tudo o que aconteceu, desde a sua chegada a Louisville até o final do evento, sempre com uma apresentação caricatural do público.

Desde a chegada do jornalista ao aeroporto da cidade, Thompson descreve o clima que envolvia todo o local:

No saguão com ar condicionado, conheci um homem de Houston que disse que seu nome era sei lá o quê – “mas me chama de Jimbo” – e que estava aqui para mandar ver. “Tô pronto pra qualquer coisa, juro por Deus! Qualquer coisa mesmo. O que cê tá bebendo?” [...] “Olha”. Ele me cutucou o braço para ter certeza de que eu estava escutando. “Eu conheço esse público do Derby, venho aqui todo ano, e deixa eu te contar uma coisa que eu aprendi: aqui não é uma cidade onde você pode dar brecha para as pessoas acharem que você é veado ou coisa assim. Pelo menos não em público. Porra, eles caem em cima de você na mesma hora, te dão uma porrada na cabeça e levam cada centavo seu” (THOMPSON, 2004).

Nesse trecho é possível perceber algumas das características que vão marcar o Jornalismo Gonzo: o fato de a narrativa ser focada no jornalista captando a história. Ou seja, a matéria era sobre o Kentucky Derby, mas Thompson vai passar o texto inteiro contando como ele estava tentando fazer a reportagem – e não fazendo a reportagem sobre a pauta que havia sido encomendada. Outra característica é a narrativa em primeira pessoa e o fato da participação do narrador na história ser ativa. Ele não apenas observa os acontecimentos e conta o que vê, mas sim, muda a história e deixa isso explícito no texto. Tanto é que, na mesma cena da conversa com o personagem Jimbo, entediado com o discurso de seu interlocutor, Thompson inventa que está a trabalho da revista *Playboy*, ao que Jimbo questiona: “Ele riu. ‘Pô! Você vai tirar foto do quê? Cavalos pelados?’” (THOMPSON, 2004, p. 18). Aqui aparece outra característica

marcante do Jornalismo Gonzo: o uso do humor na narrativa. Então, Thompson conta ao participante do Derby que no dia do evento os Panteras Negras estariam em Louisville. “O sorriso de seu rosto tinha desmoronado. ‘De que porra você está falando?’” (THOMPSON, 2004, p. 19). Claro que se tratava de uma mentira, mas essa cena ilustra a participação ativa do jornalista na narração. Ele mente para Jimbo que está no evento justamente para acompanhar uma operação da Guarda Nacional para uma megaoperação com 20 mil homens na tentativa de conter a confusão.

Assim, ao invés de apresentar uma cobertura sobre o evento, Thompson segue com sua narrativa autobiográfica, abordando as dificuldades que teve para alugar um carro e conseguir uma vaga em um hotel, pois todos estavam lotados há mais de seis semanas. Sempre carregando uma bolsa com uma máquina fotográfica (mais para impressionar do que para tirar fotos) ele mais uma vez mente que trabalha para a *Playboy* para conseguir o que quer. Aliás, no texto ele revela que a sacola utilizada para carregar a máquina fotográfica tinha uma etiqueta da *Playboy* e havia sido comprada de um cafetão na cidade de Vail, no Colorado

Na obra de Wenner e Seymour (2007), Ralph Steadman conta como foi integrado à matéria de Thompson. Ele revela que não havia memorizado corretamente o nome do jornalista, e então, ele ficou dois dias procurando por alguém que se chamasse Hunter Johnson. Antes de se encontrarem, Thompson relata as dificuldades que teve para convencer os organizadores do evento de que o *Scanlan's* era um jornal de esportes de prestígio para obter os ingressos para assistir à corrida. No texto, ele apresenta a seguinte narrativa: “O assessor de imprensa ficou chocado diante da ideia de que alguém seria burro ao ponto de solicitar credenciais dois dias antes do Derby” (THOMPSON, 2004, p. 21-22), afinal, o prazo para credenciamento já tinha terminado há dois meses. Diante da insistência de Thompson, o assessor de imprensa exclamou: “Não tem mais espaço [...] e, afinal de contas, que diabo é o *Scanlan's Monthly*?” (THOMPSON, 2004, p. 21). Diante de tal dificuldade, Thompson começou a apresentar outra característica que marcaria o jornalismo gonzo: a quebra total de normas, como fica claro no diálogo que se seguiu entre ele e o assessor de imprensa:

“É inaceitável. Nós temos que ter acesso a tudo. Tudo mesmo. Ao espetáculo, às pessoas, à cerimônia e com certeza às corridas. Você não acha que a gente veio até aqui pra assistir tudo pela televisão, acha? Por bem ou por mal, vamos entrar. Talvez a gente tenha que subornar um guarda – ou jogar spray de pimenta na cara de alguém.” (Eu tinha comprado uma lata de spray de pimenta

numa farmácia por cinco dólares e 98 centavos e, de repente, no meio daquele telefonema, me dei conta das horríveis possibilidades de usá-la no hipódromo) (THOMPSON, p. 21).

A agressividade, que resultou na ameaça ao assessor de imprensa, representa essa quebra de norma social, jurídica e jornalística, outra característica do texto Gonzo. No entanto, Thompson não precisou usar o *spray* de pimenta, pois Steadman estava com as credenciais. Ele ficou sabendo disso ao perguntar pelo artista na recepção do hotel. Então, ele encontrou Steadman no camarote de imprensa, e graças a isso, conseguiu ingressar no hipódromo. O artista britânico lembra como o jornalista se apresentou ao se encontrarem. “De repente olho para o lado e aquele homem alto diz, ‘Olá, eu sou Hunter Thompson. Foi-me dito para procurar um nerd emaranhado de cabelos e com verrugas. Eles disseram que você era estranho – mas não assim’” (THOMPSON, 2007, p. 121).

A partir de então, houve uma identificação mútua entre repórter e ilustrador. “Eles descobriram que tinham muito em comum – talvez o mais importante, o profundo ódio das autoridades” (MCKEEN, 2008, p. 145). Nascia, assim, uma parceria que marcaria o jornalismo americano e ocidental, com os textos do jornalista e as ilustrações de Ralph. Passando a ter o ilustrador britânico como parceiro, Thompson apresenta uma narrativa em que o centro da história é as aventuras dele e do ilustrador. “Desde o início, ele apresentou a si mesmo como um homem atrás de uma programação, inábil de encontrar o seu colaborador de ilustração, incapaz de saber como era Ralph Steadman” (MCKEEN, 2008, p. 146). Enquanto isso, Ralph se apresentava como o parceiro perfeito: “Hunter estava em sua cidade natal, e tinha a chance de ver o mundo com o olhar virgem das sensibilidades de um estrangeiro” (MCKEEN, 2008, p. 146).

A partir do encontro dos dois, a narrativa passa a ser sobre as observações e impressões que o jornalista teve em relação ao público e ao que acontecia com a dupla. Afinal, como ressaltava Thompson: “Ao contrário da maioria dos outros no camarote de imprensa, estávamos pouco nos lixando para o que acontecia na pista. Tínhamos vindo aqui para ver os *verdadeiros* animais se apresentarem” (THOMPSON, 2004, p. 25).

Foi assim que Thompson foi construindo em seu texto uma caricatura do público, enquanto Ralph iria colocando-a em imagens. Um exemplo da caricatura textual que o repórter apresentou aparece quando ele descreve uma cena vista de cima do camarote de imprensa: “Milhares de pessoas desmaiando, chorando, copulando, atropelando uns aos outros e lutando com garrafas de uísque quebradas” (THOMPSON,

2004, p. 25-26). Com as anotações que vinha fazendo a mão, colocadas em uma narrativa completamente autobiográfica, tomada por quebras de normas, pelo uso de drogas e bebidas, e com as ilustrações de Ralph Steadman, que o “*O Kentucky Derby é decadente e degenerado*” foi publicado na edição de junho de 1970 da revista *Scanlan’s Monthly* e, logo, foi classificado de Jornalismo Gonzo.

A partir disso, surge a questão: e por que esse estilo conhecido pelo termo Gonzo? O primeiro registro do uso desse termo relacionado ao jornalismo foi justamente quando, para se referir à matéria do Kentucky Derby, um amigo de Thompson chamou o texto dele de Gonzo. Brinkley, amigo do jornalista, conta a sua versão para a origem do termo.

A internet está cheia de mentiras falsas propagadas por professores desinformados de inglês e fãs fumando maconha sobre as origens etimológicas do “gonzo”. Aqui está como isso aconteceu: o pianista James Booker gravou uma música instrumental chamada Gonzo no legendário New Orleans R&B em 1960. O termo “gonzo”, em Cajun, era uma gíria que tinha circulado no French Quarter (bairro francês) em torno da cena do jazz por décadas e significa, aproximadamente, “jogar desequilibrado”. O estúdio de gravação real de “Gonzo” teve seu lugar em Houston, e quando Hunter ouviu pela primeira vez a canção foi no Bonkers - especialmente a parte de flauta selvagem. De 1960 até 1969 – até Herbie Mann gravar outra flauta triunfante, “Battle Humn da República” – Booker’s “Gonzo” era a música favorita de Hunter (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 126).

Ainda conforme o relato do mesmo amigo aos autores, anos antes, em 1968, Thompson apresentou a música para um colunista do Boston Globe Magazine, chamado Bill Cardoso. Então, foi esse jornalista denominou publicamente o estilo de Thompson, apresentado na cobertura do Kentucky Derby, de Jornalismo Gonzo:

[No encontro de 1968] Hunter trouxe uma fita cassete da música de Booker e tocou “Gonzo” uma vez, e mais outra, e mais outra, e mais outra – e isso deixou Cardoso louco, e, naquela noite, Cardoso brincou com Hunter, ridicularizando-o como “o homem Gonzo”. Mais tarde, quando Hunter enviou a sua matéria sobre o Kentucky Derby, ele recebeu uma nota de volta, dizendo algo como “Hunter, isso é puro jornalismo gonzo!”. Cardoso afirmou que o termo foi usado também em bares de Boston e significa “o último dos homens bêbados a ficar em pé” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 125-126).

Ou seja, foi a partir da publicação da matéria sobre o *Kentucky Derby* que o termo Jornalismo Gonzo se popularizou para designar o tipo de texto que Thompson fez. Depois da reportagem sobre o Kentucky Derby vieram outras obras contendo as mesmas características, que apresento em outras pesquisas sobre o tema, tais como em

Medo e Delírio em Las Vegas, A Grande Caçada aos Tubarões e *Fear and loathing on the campaign trail*'72, esta última não publicada em português. Assim, podemos sistematizar como características do jornalismo gonzo: a) a narrativa é em primeira pessoa; b) o jornalista participa ativamente do acontecimento; c) o jornalista conta como está tentando apurar a pauta; d) há a presença de humor; e) quando o jornalista utiliza algum tipo de droga (lícita ou ilícita), ou quebra qualquer outra norma, ele revela isso no texto. Ou, em síntese, dá para dizer que o jornalismo gonzo “consiste no envolvimento altamente pessoal e irreverente do repórter nos temas sobre os quais escreve, traduzido em forma narrativa excêntrica” (VILLAS BOAS, 2009, p.11). Como a fase a ser tratada a seguir é do período pré-Gonzo, nem todas as características apresentadas anteriormente vão estar presentes, porém, algumas já antecipam em parte o estilo que surgiria em 1970. Afinal, o próprio jornalista gonzo definiu seu estilo, diferenciando-se dos demais autores do *New Journalism*: “Eles tendem a voltar e recriar histórias que aconteceram, enquanto eu gosto de estar no meio sobre o que eu estou escrevendo – pessoalmente envolvido o máximo quanto possível” (THOMPSON, 2009, p. 47). Eis um dos pilares do jornalismo gonzo.

THOMPSON NA AMÉRICA LATINA: O JORNALISMO GONZO INCUBADO NO BRASIL

Antes de escrever a matéria que seria apontada como o marco inicial do Jornalismo Gonzo, e antes mesmo de tratar sobre a gang de motociclistas que resultaria na publicação de *Hell's Angels*, Thompson atuou como correspondente da América Latina para o *National Observer*, pois o jornal demonstrava interesse em cobrir o que estava acontecendo em solo latino-americano. Além do fato de Thompson estar procurando emprego, o amigo Bob Bone conta que o jornalista tinha a intenção de ir para a América Latina de qualquer forma, pois ele acreditava que em países como o Brasil e a Colômbia havia muito material potencialmente narrativo e histórias curiosas para serem contadas. Foi a partir desse interesse mútuo em cobrir países latino-americanos que Thompson encontrou no *National Observer* espaço para amadurecer a prática jornalística que ficaria conhecida como Jornalismo Gonzo.

Inicialmente, Thompson entrou em contato com Clifford Ridley, um dos editores do *National Observer*, oferecendo os seus serviços. Então, conforme McKeen (2008) foi

enviado pelo veículo um contrato para seis matérias. Já para Wenner e Seymour (2007), Clifford relata que não havia nenhuma garantia no currículo de Thompson de que essa seria uma boa experiência para a empresa jornalística, que estava começando a crescer. Porém, assim que Thompson chegou à América Latina, seus primeiros textos começavam a chamar atenção e suas matérias frequentemente ganhavam a primeira página. O depoimento de Clifford atesta que:

Estávamos bastante flexíveis quanto ao tamanho – se alguma coisa é boa e é grande, nós tínhamos o espaço – mas ele provavelmente ficava na casa das 15 mil palavras, para o que nós pagávamos 150, ou 200 dólares. Com raras exceções, ele não se importava com a edição, embora não adiantaria muito não gostar, pois ele estava a três mil milhas de distância e só via as matérias seis semanas ou mais depois que elas saíam (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 61).

Além do tamanho, o jornal deu liberdade para que Thompson incluísse no texto jornalístico suas histórias pessoais, que caracterizaria o estilo gonzo: “Ele pode ter embelezado apenas um pouco as histórias [...] mas não houve discussão sobre a qualidade da sua escrita. Ele era extraordinário para nós, e para o jornalismo daquele tempo” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 61). Entretanto, até conquistar esse respaldo do editor, Thompson passou por diversas histórias inusitadas.

A viagem para a América do Sul começou no dia 24 de abril de 1962. O primeiro destino, no entanto, foi o Caribe. Thompson ficou diversos dias em Aruba, da qual ele apenas tinha ouvido falar. Conforme relato de Bob Bone, ele tinha a informação de que havia pessoas que “contrabandeavam licor e cigarros na Nicarágua ou em algum lugar assim, então ele pegou um voo para Aruba e, de fato, foi em um barco de contrabando para a América do Sul” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 56). No entanto, a referida viagem só ocorreu no dia 6 de maio de 1962. Um dia antes, Thompson escreveu uma carta a Paul Semonin contando o que estava acontecendo:

Minha situação é a seguinte: estou em Aruba com 30 dólares; amanhã de tarde eu tenho uma carona de graça para a Colômbia a bordo de um pequeno saveiro que também carregará uma quantidade de contrabando de whisky; eu talvez estarei na cadeia em 48 horas – uma cadeia colombiana; se eu chegar a Barranquilla, meu objetivo, eu terei não mais do que 5 dólares; o que vai acontecer pertence a Deus. É uma situação estranha, quando o melhor que pode acontecer a um homem é ele talvez chegar na América do Sul com 5 dólares (THOMPSON, 1998, p. 334).

Em outra carta ao amigo William Kennedy, Hunter conta que no fim deu tudo certo: ele chegou a Barranquilla com cinco dólares e não foi preso. Em texto publicado no *National Observer* de 6 de agosto de 1962, intitulado “Um sonho americano leve e solto num covil de contrabandistas”, é possível perceber que Thompson apresentava em sua narrativa diversa das características que marcariam a prática gonzo, como a quebra de normas e a ousadia. Já nesse primeiro texto, também é possível perceber que, aos poucos, Thompson vai utilizando o mesmo estilo pessoal das cartas nas reportagens. Nesse primeiro texto, Thompson conta como entrou de maneira ilegal em um país, ao mesmo tempo em que narra os acontecimentos e descreve o lugar onde está:

Cheguei ao amanhecer, vindo de Aruba a bordo de uma chalupa de pesca. Como não existe porto, desembarquei por um minúsculo barco a remo. Acima de nós, num rochedo íngreme, estava toda a população da aldeia. Olhavam feio, sem demonstrar muita hospitalidade para com o primeiro turista da história de Puerto Estrella (THOMPSON, 2004, p. 116).

Mesmo descrevendo uma situação inusitada, o estilo é mais descritivo e timidamente opinativo. Nesse primeiro momento, Thompson passa a construir uma reportagem de viagem, que é quando a narrativa “apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local” (LIMA, 2004, p. 58). A partir de então Thompson passou a levar para as páginas do *National Observer* histórias pessoais, como quando narra um encontro inusitado entre ele e os indígenas que não vestiam nada além de uma gravata e que controlavam um dos principais pontos de contrabando da América do Sul.

Ainda na Colômbia, Thompson começou a fazer textos mais analíticos sobre o que ele encontrou em solo latino-americano. No texto “Por que ventos antigringos costumam soprar ao sul da fronteira”, publicado no dia 19 de agosto de 1963, o jornalista tenta explicar os motivos que levavam os nativos a não gostarem dos norte-americanos. Além disso, ele aborda algumas diferenças culturais percebidas em seus passeios e conversas que eram realizadas tanto com latinos, quanto com norte-americanos que viviam na América do Sul.

Enviando textos para o *National Observer* e já em Bogotá, Thompson escreve para Paul Semonin comentando as diferenças entre o que ele queria escrever e o que a revista pedia. “Eu tenho sido acusado, de fato, de enviar artigos que parecem ‘cartas e ensaios’, o que, claro, eles são” (THOMOPSON, 1998, p. 340). Em compensação, o

jornalista conta que diversos desses artigos não foram publicados e, assim sendo, também não foram pagos. Antes de deixar a Colômbia, Thompson também passou por Cali, de onde tirou muitas fotos, enviadas para outras revistas.

De solo colombiano, Hunter viajou para Lima, no Peru. Em suas cartas escritas da capital peruana, o jornalista segue se queixando da falta de dinheiro e dos lugares por onde está passando. Em texto escrito para Bill Williamson, editor do *Brazil Herald*, ele comenta que o Rio de Janeiro é a sua última esperança: “Se o Rio não é melhor do que os lugares que eu tenho visitado até agora, vou bater em retirada para o norte e escrever que esse continente é uma causa perdida” (THOMPSON, 1998, p. 345). Sobre a passagem pelo Peru, o principal texto de Thompson foi *A Democracia Peruana Morreu, mas Poucos Parecem Lamentar seu Falecimento*, publicado em 27 de agosto de 1962. Na matéria, o jornalista aborda o golpe militar de 24 de julho do mesmo ano, com a publicação do decreto-lei que passava o controle e os poderes executivos e legislativos para os militares. No texto, Thompson tentou contextualizar historicamente e politicamente a situação do Peru no momento do golpe. O jornalista comenta: “A ‘morte da democracia’ não chegou a deixar um vazio no Peru. Pareceu mais a morte do tio velho de alguém [...]” (THOMPSON, 2004, p. 124).

Depois de Lima, Thompson foi para Cuzco, de onde ele escreveu *O Inca dos Andes: Ele Assombra as Ruínas do seu Ex-Grande Império*, publicado em 10 de junho de 1963, texto na qual ele apresenta forte crítica ao tratamento dado pelos turistas aos índios. Do Peru, Thompson passou rapidamente pelo Equador e de lá foi para La Paz, na Bolívia, cidade da qual também não gostou, ficando a maior parte do tempo trancado em seu quarto bebendo cerveja. Da Bolívia, finalmente Thompson chegou ao Brasil, ainda em 1962.

Em carta escrita ao editor do *National Observer*, Clifford Ridley, em 17 de setembro de 1962, ele descreve como estava a situação política do país na qual acabara de chegar: “As eleições aqui são em 7 de outubro. Eu vou começar um breve texto de pano de fundo para você. A situação aqui está bem selvagem. Esse é um país muito grande e é um alívio finalmente estar aqui” (THOMPSON, 1998, p. 352). Além disso, ele diz que “o Rio faz as outras cidades que eu estive antes parecerem lixões” (THOMPSON, 1998, p. 352). Na mesma carta, ele conta que não está fazendo a viagem para ganhar dinheiro, mas sim, para aprender e explorar as histórias que vivia.

Os textos enviados por Thompson para o *Observer* estavam agradando aos editores. “A diferença entre o seu novo mundo e o seu velho modo de sobreviver era que os editores da *Observer* amavam o seu trabalho e que ele estava construindo uma audiência com os leitores do jornal” (MCKEEN, 2008, p. 73). Foi apenas então que os editores começaram a perceber que a narrativa muitas vezes era mais literária e empolgante nas cartas do que nas matérias, fazendo com que, em solo brasileiro, o Jornalismo Gonzo já se mostrasse incubado.

Nas cartas para Ridley, o estilo Gonzo de Hunter começou a subir para a cabeça. Uma das características que Hunter desenvolveu como estilo era a sua preocupação com o captar da história. De fato, captar a história se tornou a história. Sua escrita poderia ser classificada como metajornalismo, jornalismo sobre o processo de fazer jornalismo (MCKEEN, 2008, p. 73).

Assim, o *Observer* começou a publicar algumas das cartas, que tinham inicialmente o tom conspirador de conversa entre duas pessoas. Nelas, geralmente escritas ao editor, ele falava francamente sobre os lugares, escrevendo coisas do tipo:

Eu poderia contar algumas histórias de arrepiar os cabelos sobre o que acontece com os pobres ianques que comem comida barata, ou o fato de eu ter pego uma forte gripe em Bogotá, por que não havia água quente no meu hotel, mas isso deixaria nós dois deprimidos (MCKEEN, 2008, p. 73).

Durante a sua estadia em solo brasileiro, Thompson também produziu reportagens contextualizando o momento político e histórico vivido pelo Brasil, inclusive, apresentando denúncias que eram omitidas pela imprensa brasileira. Em um de seus textos, “Tiroteios no Brasil”, publicado no dia 11 de fevereiro de 1963, o autor (p. 137) aborda um tumulto onde ficou explícito o abuso da polícia brasileira que resultou na morte de pessoas em uma casa noturna de luxo:

Agora o Domino tinha virado uma casca, um quarto escuro cheio de vidro quebrado e buracos de bala. O porteiro está morto. Foi derrubado pelos tiros enquanto corria para a esquina. O barman está no hospital, com um talho de bala descendo pelo lado de seu crânio, e vários clientes estão feridos. Muitas testemunhas dizem que outro homem está morto, mas os corpos foram levados tão rapidamente que ninguém tem certeza (THOMPSON, 2004, p. 137).

Conforme o jornalista, não teria sido um confronto, mas sim um massacre, que contou com a participação do exército brasileiro. A partir da narração do tiroteio na casa

noturna, com menção a outros acontecimentos semelhantes, Thompson avaliou em sua matéria que essa era uma das diferenças entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, que na época contaram com sucessivos golpes militares, como o que ocorreria um ano depois no Brasil: “onde autoridade civil é fraca e corrupta, o Exército acaba se tornando rei” (THOMPSON, 2004, p. 140). Além disso, Thompson revela que os assassinatos na boate foi uma revanche dos militares, pois há algumas semanas um sargento do Exército havia sido espancado até a morte após uma discussão sobre o valor da sua conta. Depois, um capitão teria ameaçado os funcionários da boate e também foi agredido. “Ele foi severamente surrado pelo porteiro e por vários outros sujeitos. Uns dez dias se passaram sem incidente algum, e então o Exército veio acertar suas contas” (THOMPSON, 2004, p. 137).

Já em um texto publicado em 31 de dezembro de 1962 pelo *National Observer*, intitulado Cartas Tagarelas Durante uma Viagem de Aruba ao Rio, o jornal publicou algumas das correspondências trocadas entre os editores e Thompson. Em uma delas, o jornalista conta que viajou pelo Mato Grosso. “Agora já faz uma semana que estou tentando enviar uma carta, mas estive atravessando a selva e o Mato Grosso, viajando por campos de petróleo e gastando meu dinheiro com antibióticos” (THOMPSON, 2004, p. 146). Em outra carta, não publicada na referida coletânea de correspondências do jornal, Thompson comentou que o Brasil era “o único país descente na América do Sul, mas também é o maior – e metade do continente” (THOMPSON, 1998, p. 366). Enquanto esteve no país, o jornalista também viajou pelo Uruguai, Paraguai e Argentina, “mas eles não se comparam ao Brasil” (THOMPSON, 1998, p. 366).

Em uma carta a Philip Graham, da *Newsweek*, Thompson critica as abordagens feitas pelos jornalistas da revista sobre o Brasil, principalmente pelo fato de que os textos estavam sendo escritos dos Estados Unidos. Ele sugere que a revista tenha um correspondente no país latino-americano para evitar escrever tantas bobagens. Na carta, o jornalista comenta que o texto publicado “foi um exemplo horrendo do que acontece quando a cobertura sobre a América Latina é feita da Madison Square. Esse foi um erro tão estúpido que, francamente, era difícil acreditar que aquilo era fato, e não ficção” (THOMPSON, 1998, p. 367).

Ao mesmo tempo, Thompson também discutia via cartas com o editor da *National Observer*, Clifford Ridley, principalmente quando ele sugeria algumas mudanças de estilo ou de linguagem. Thompson abre uma carta ao editor dizendo:

“Vamos deixar claro e direto o que há entre nós: eu nunca vou voltar atrás nas minhas histórias porque isso seria uma cadelice” (THOMPSON, 1998, p. 369). Mais adiante, ele complementa: “Logo eu te envio alguma porra duma história. Mas não traduza isso como uma evidência de que eu estou ficando macio e fofo, eu apenas quero escrever minhas histórias” (THOMPSON, 1998, p. 369). Além disso, ele reclama do baixo valor pago pelos textos.

Mesmo que esse estilo mais agressivo de Thompson tenha aparecido inicialmente nas cartas, aos poucos o jornalista passaria a levar essa característica para as suas reportagens.

O tom confortável das cartas para Chatty antecipava o vínculo entre escritor e leitor que ele iria trabalhar em seu jornalismo gonzo. Ele era muito mais ele mesmo nas cartas do que nas matérias, aonde ele tentava escrever algo muito mais “profissional”, alguma coisa que pudesse levar a uma publicação no New York Times. “Durante os dias no Rio”, Bob Bone relembra, “Hunter falava em tom selvagem, mas ele estava escrevendo textos retos. Ele tinha que publicar no The National Observer para pagar o seu aluguel. Mas ele descobriria o seu sucesso mais tarde, quando ele começou a escrever somente o que gostaria de falar” (MCKEEN, 2008, p. 74).

Até Thompson inaugurar o estilo que ficaria conhecido como Jornalismo Gonzo, entretanto, muita coisa aconteceria. Ele estava no Brasil, por exemplo, quando começaram a surgir os textos dos jornalistas que ficariam conhecidos como *New Journalism*. “Estando na América do Sul, Hunter estava sem saber que ele era parte de um movimento que brevemente seria chamado de *New Journalism*” (MCKEEN, 2008, p. 77). O trabalho de Thompson como correspondente do National Observer encerrou no início de 1963, quando ele deixou o Brasil rumo ao Peru, de onde voltou aos Estados Unidos para se casar com Sandy Thompson no dia 20 de maio de 1963.

Nas reportagens observadas, conforme ressaltado, é possível perceber algumas características que se destacariam anos mais tarde, no estilo Gonzo. Inicialmente, é fácil perceber que a narrativa é em primeira pessoa e que o jornalista participa ativamente do acontecimento. Ou seja, ele não se limita a recriar o que aconteceu, mas sim, participa dos próprios fatos enquanto eles acontecem. Além disso, há a quebra de normas e a participação ativa do jornalista nos acontecimentos que estão sendo apurados. Também é possível perceber ousadia e agressividade, além do uso de humor e do texto crítico, que viriam a marcar a prática Gonzo de Hunter S Thompson.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de deixar o Brasil, mesmo estando longe do seu país de origem, Thompson não mudou o seu estilo de vida. Conforme relato de Bob Bone, certa vez Thompson e um amigo resolveram praticar tiro ao alvo em ratos que estavam em um despejo em algum bairro do Rio de Janeiro e alguém chamou a polícia, que levou o jornalista preso. “Hunter disse que eles não participaram do tiroteio, que deveria ter sido outras pessoas. Como de costume, Hunter foi fazendo amizade com os policiais e todos acabaram ficando longe das grades” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 60). Porém, já certo de que escaparia da prisão, Thompson colocou os pés em cima da mesa do policial, e algumas balas caíram de seu bolso. Diante disso, ele e o amigo voltaram para a cadeia e foi necessária a intervenção do cônsul norte-americano, que o conhecia devido ao seu trabalho para o *National Observer*. Apenas após essa intervenção, Thompson saiu de trás das grades cariocas. Esse episódio também foi lembrado anos mais tarde, em texto publicado em *Reino do Medo*, em que o jornalista revela que cruzou com outros presos enquanto era conduzido para a sua cela: “Eu estava preso, e fui conduzido por um túnel de cariocas que gritavam: ‘Enforca ele! Fode com ele! Estados Unidos fora! Fodam-se os Estados unidos! Abajo!’” (THOMPSON, 2007, p. 268). Depois do susto, finalmente ele foi liberado.

Essa cena ilustra o estilo de vida adotado por Hunter Thompson e como esse modo de levar a vida foi levado para os seus textos quando ele começa a escrever as reportagens que ficariam conhecidas como Jornalismo Gonzo. Mesmo sem utilizar todas as características da prática Gonzo enquanto atuou como correspondente na América Latina, ele não mudou o seu modo de viver e sempre tentou incluir as suas opiniões e experiências nas reportagens. O tom pessoal das cartas, inclusive, fez com que os editores do jornal publicassem várias delas e pedissem para que ele passasse a utilizar esse tom pessoal nas reportagens. Esse estilo, mais tarde, seria o mesmo que caracterizaria o Jornalismo Gonzo que surge com a cobertura do Kentucky Derby.

Por fim, ressalta-se que esse artigo é apenas parte de uma pesquisa mais ampla, que vem analisando e recuperando a trajetória e os conceitos do que ficou conhecido como Jornalismo Gonzo. Conforme ressaltado, as relações dessa prática com o Brasil vão bem além da influência que Thompson exerce em estudantes e profissionais brasileiros. Observando os comentários e as ideias expostas nas reportagens de

Thompson sobre a América Latina, bem como nas cartas trocadas com amigos e editores, pode-se afirmar que as diferenças sociais e a situação política dos países latino-americanos no período serviram para despertar ainda mais o faro que Thompson sempre teve para identificar e apurar injustiças, bem como a sua capacidade de indignação e de colocar a sua opinião (muitas vezes agressiva) nas suas reportagens reportagens. Por isso, é possível afirmar que o Brasil, de certa forma, serviu de incubadora para o surgimento do que hoje é conhecido globalmente como Jornalismo Gonzo.

REFERÊNCIAS

- BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- DOMINGUES, J. **Todos querem ser Gonzo, não Thompson**. São Paulo: SBPJor, 2017 (anais).
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2003.
- LIMA, E. **Páginas ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.
- MACHADO DA SILVA, J. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MCKEEN, W. **The outlaw journalist** – the life and times of Hunter S. Thompson. New York: W.W. Norton & Company, 2008.
- THOMPSON, H. S. **A grande caçada aos tubarões** – histórias estranhas de um tempo estranho. São Paulo: Conrad, 2004.
- _____. **Ancient gonzo wisdom** – Interviews with Hunter S. Thompson. Cambridge: Da Capo Press, 2009.
- _____. **Fear and loathing in America** – the brutal odyssey of na outlaw journalist. New York: Simon & Shuster Paperbacks, 2006.
- _____. **Reino do medo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **The proud highway** – Saga or a desperate Southern gentleman. New York: Ballantine Books, 1998.
- VILAS BOAS, S. **Jornalismo literário** – um percurso filosófico. São Paulo: Texto Vivo, 2008.
- WENNER, Jann; SEYMOUR, Corey. **Gonzo** - The life of Hunter S. Thompson. New York - Boston - London: Back Bay Books, 2007.